

# JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897 e com o grande Diploma de Honra, na Exposição da Imprensa, Lisboa 1898

IMPRESSA Á CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor das «Officinas Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

<p><b>REDACÇÃO</b> Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR <b>BRANCO RODRIGUES</b></p>	<p><b>PREÇO DO VOLUME</b> Por anno—12 numeros <b>500 réis</b></p>
--	---	---

## OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

Realisou-se no domingo, 6 de fevereiro, em Castello de Vide, a cerimonia da inauguração do novo edificio d'estas officinas, construido com o rendimento do *Jornal dos Cegos*.

Pelas duas horas da tarde, achando-se reunidos no edificio do asylo os convidados, entre os quaes nos lembra de ter visto as srs.<sup>as</sup> D. Adelaide de Brito e D. Irene Bettencourt, regente e professora do Asylo da Infancia Desvalida; D. Desideria Bonacho, zeladora do Asylo dos Cegos, e os srs. capitão José Narciso de Andrade, commandante da 4.<sup>a</sup> companhia da guarda fiscal; tenente Cadaval, commandante de secção; Manuel Maria de Pina, chefe da delegação aduaneira da Beirã; Branco Rodrigues, redactor do *Jornal dos Cegos*; Caetano Alberto, director e proprietario de *O Occidente*; Antonio Ramalho, distincto pintor de Lisboa; Sequeira e Costa, provedor da misericordia de Castello de Vide; Tavares Rosa, juiz de paz; padre José de Carvalho, Antonio Costa, dr. Aniceto Xavier, vigario Trindade, Antonio Repenicado e Assumpção Mimoso, representando o *Seculo*; Arnaldo da Fonseca, redactor do *Branco e Negro* e da *Revista Moderna*, de Paris, orga-

nistou-se o cortejo, que seguiu do claustro do Asylo para o sitio onde foi construido o novo edificio das officinas.

O cortejo era disposto da seguinte fôrma: á frente a fanfarrã dos alumnos cegos tocando o hymno das Officinas; em seguida todos os asylados de ambos os sexos em numero superior a quarenta, as auctoridades locais e os convidados. Fechava o cortejo a direcção do Asylo e grande parte da população de Castello de Vide, que espontaneamente compareceu a assistir a esta solemnidade.

Quando o prestito chegou ás officinas, o sr. dr. Aniceto Xavier, illustre presidente da direcção do Asylo dos Cegos, fez um brilhante discurso historiando a creação do novo estabelecimento com o producto do *Jornal dos Cegos*, revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos, impressa em Lisboa á custa do Estado, cuja redacção está exclusivamente a cargo do seu fundador, o sr. Branco Rodrigues.

Ao findar a sua allocução, o sr. presidente descobriu a lapide que está collocada sobre a porta principal das officinas e na qual se lê: «Officinas Branco Rodrigues, instituidas em 16—XII—1895.» E terminou o seu discurso pondo em evidencia a nobreza dos sentimentos dos srs. Antonio José Repenicado e Branco Rodrigues, promotores d'esta instituição.

Em seguida usou da palavra o sr. Branco Rodrigues, proferindo a seguinte allocução:

Meus senhores:—É a um rei, que a igreja canonisou, que se deve a fundação do primeiro estabelecimento destinado a retirar do seu estado de isolamento e de degradação no seio da sociedade, e a fazer viver em commum um certo numero de cegos pobres.

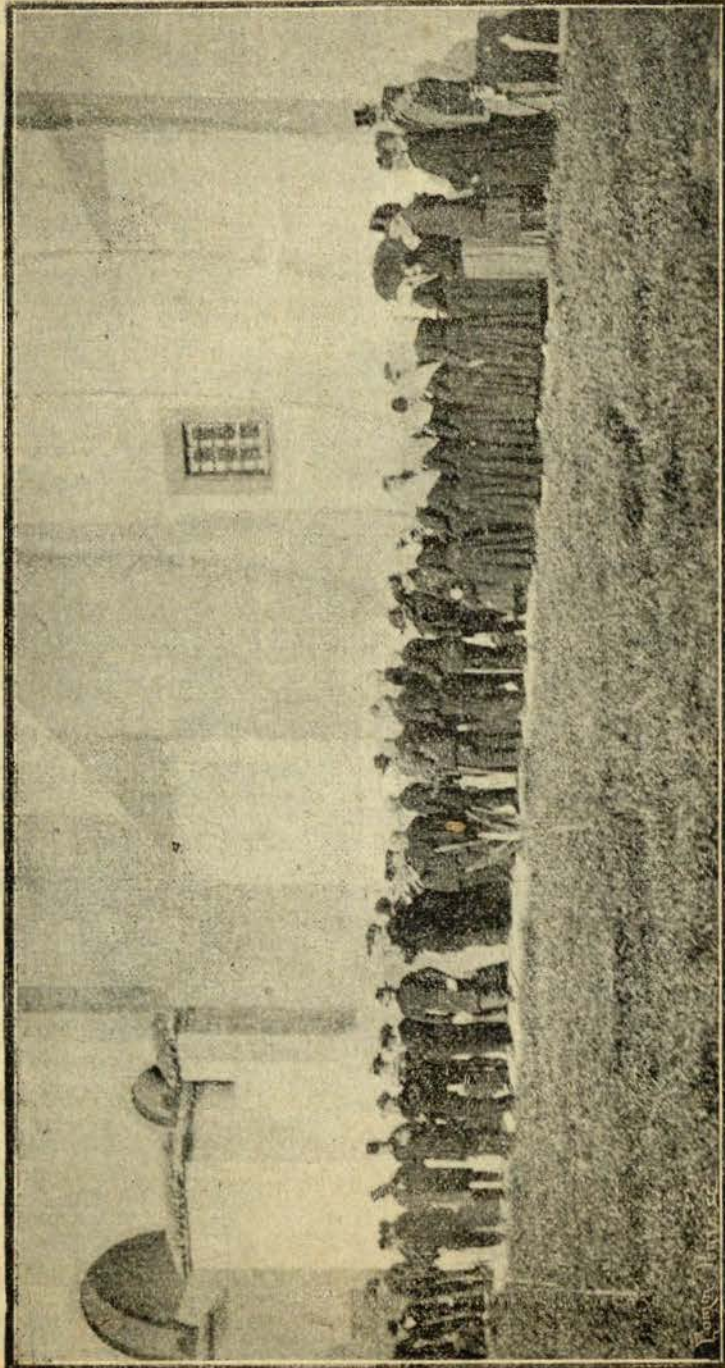
Esse rei foi S. Luiz, que no seculo xiii fundou o *Hospicio dos Quinze-Vingts*, em Paris, que ainda hoje protege 2:000 cegos francezes.

Só cinco seculos mais tarde foi instituido na mesma cidade o primeiro estabelecimento destinado á instrucção intellectual e profissional dos cegos, por Valentim Haüy.

Os nomes d'estes dois benemeritos instituidores estão gravados para sempre nas paginas de oiro da Historia da Caridade Universal.

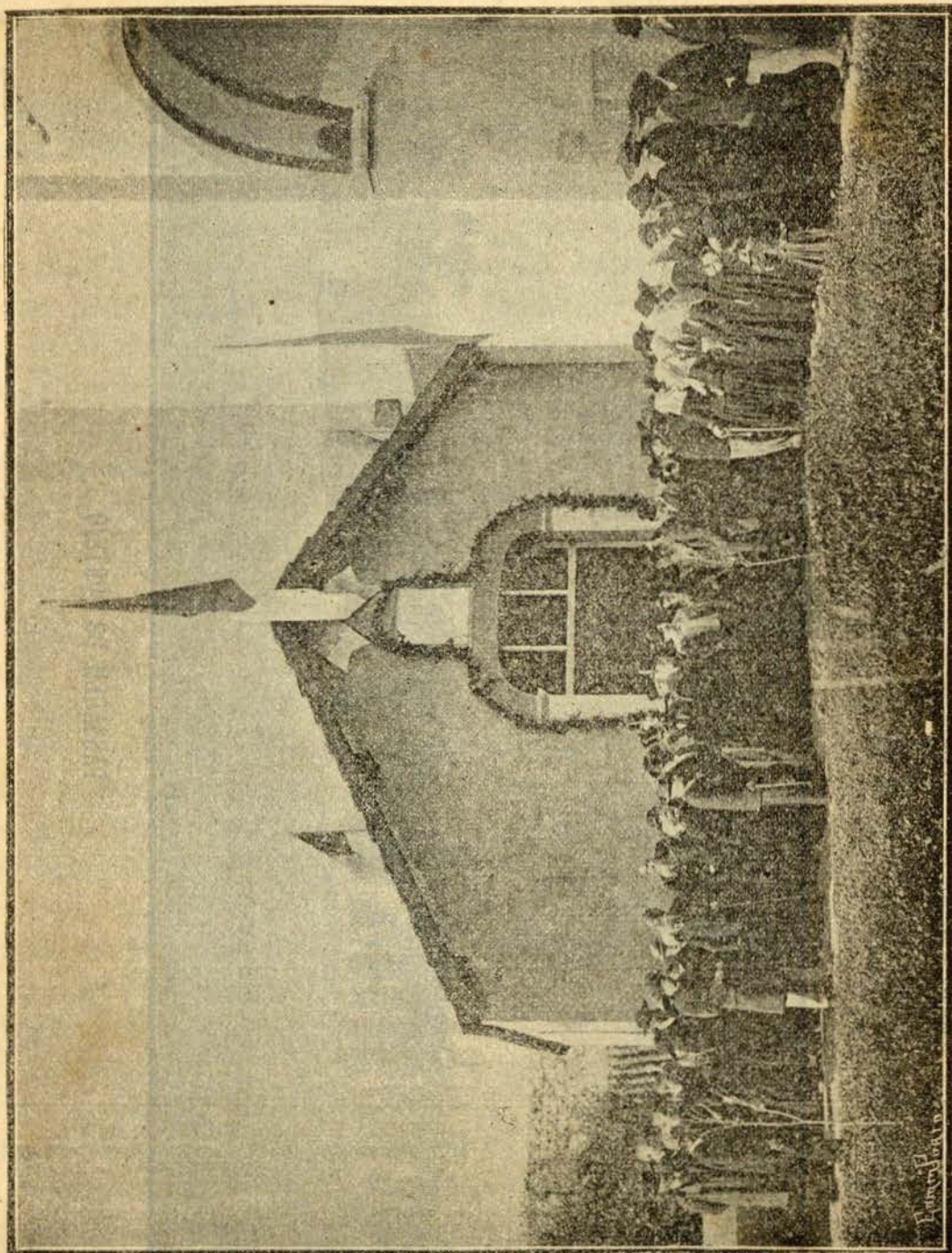
Á França, a patria de Luiz Braille, o cego genial, o inventor do prodigioso alfabeto dos cegos, deve a humanidade a iniciativa d'esta obra gloriosa de protecção a esses infelizes.

Todos os paizes de civilisação europêa a imitaram, fundando asylos, escolas, officinas, sociedades de protecção, revistas typhologas, como a *Valentim Haüy*, redigida pelo celebre cego Mauricio de la Sizeranne, o maior propagandista da causa dos cegos.



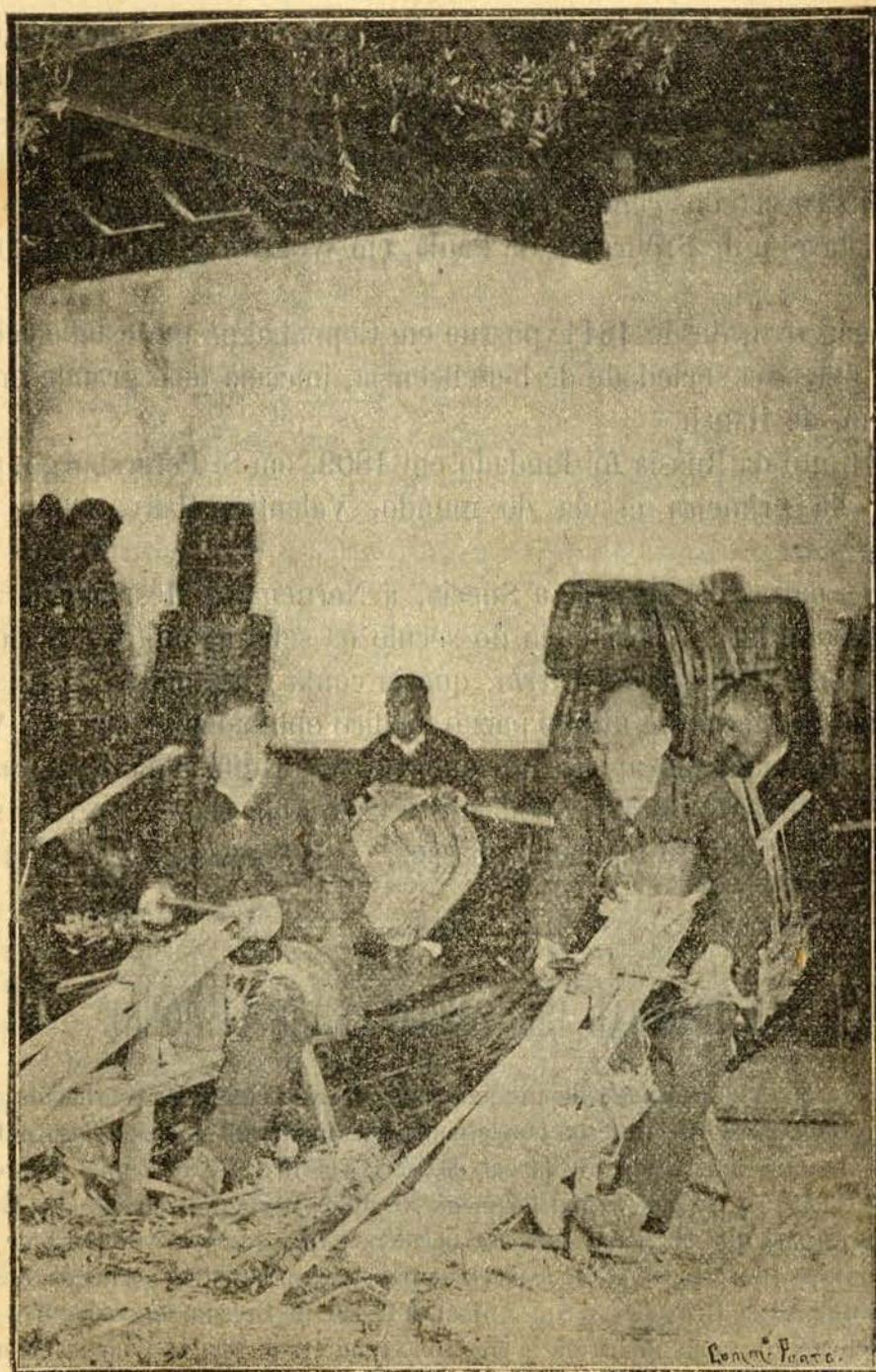
PASSAGEM DO CORTEJO

E em todas as nações os nomes dos fundadores d'esses piedosos institutos, os nomes de todos esses amigos dos cegos, serão eternamente memorados.



ACTO INAUGURAL DAS OFFICINAS — Durante os discursos

Zeune funda em 1806 o instituto de Berlim, o primeiro da Allemanha.  
Klein, em 1804, funda em Vienna o primeiro instituto creado na Austria.



INTERIOR DAS OFFICINAS — Os cegos fabricando canastras

Na Suissa, o dr. Hirzel cria em 1809 o instituto de Zurich, do qual foi o primeiro e principal professor o cego Frederico Gottlieb Funk, engenhoso inventor de diversos processos de ensino.

Desde 1808 a Hollanda possui um instituto de cegos, fundado pela maçonaria. O instituto de Amsterdam, que é um dos melhores da Europa, é dirigido actualmente pelo illustre typhlologo H. J. Lenderink.

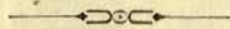
A Belgica deve a Rodenbach a lei approvada em 1836, lei que organisou a instrucção dos cegos, hoje a cargo de congregações religiosas, sendo a mais notavel a de S. Vicente de Paula, em Woluwe (Saint-Lambert), Bruxellas.

A Dinamarca, desde 1811, possui em Copenhague um estabelecimento, fundado por uma sociedade de beneficencia, iniciada pelo grande marechal do palacio, de Hauch.

O instituto da Russia foi fundado em 1809, em S. Petersburgo, pelo instituidor da primeira escola do mundo, Valentim Haüy, então exilado n'aquelle paiz.

Outros paizes da Europa: a Suecia, a Noruega, a Hespanha e a Italia teem tambem desde o principio do seculo os seus institutos, sociedades e jornaes, como o *Amico dei Ciechi*, que já conta vinte annos de existencia.

Recentemente n'este ultimo paiz o medico ophthalmologista, dr. Vittorio Cereseto, inventou um apparelho, que destroe a difficuldade que havia de escrever o alphabeto Braille, podendo o cego hoje escrevel-o com rapidez e sem fadiga, como se estenographasse. *(Conclue no proximo numero.)*



## LE JOURNAL DES AVEUGLES DE LISBONNE

Le *Valentin Haüy* a signalé depuis longtemps et avec plaisir les sentiments généreux dont le royaume de Portugal et son gouvernement se montrent animés à l'égard des aveugles; il a annoncé la création du *Jornal dos Cegos* et il a dit avec quel empressement M. Branco Rodrigues a voulu visiter lui-même les différents établissements de l'Europe.

Les livraisons qui ont paru dans les derniers mois présentent toujours de l'intérêt nous y trouvons des articles écrits avec cœur par des typhlophiles portugais, des notices sur les institutions de Bruxelles, d'Amsterdam, d'Ilzach, de Dresde, une étude très détaillée sur l'Angleterre, qui nous montre à la fois son grand établissement pour les aveugles indigents et ce Royal Normal College, avec le luxe de son installation et de ses jeux, balançoire, patinage, bateaux conduits à la rame, courses en velocipèdes...

Le rédacteur revient toujours volontiers à Paris : il emprunte à M. Guilbeau une pièce de ses « Chants et légendes », ainsi que sa très instructive étude sur « L'écriture vulgaire et l'écriture conventionnelle à l'usage des aveugles », depuis les petites pierres dont Rampazetto imagina de se servir, à Rome, en 1575, jusqu'au *Duographe*, inventé dernièrement par M. l'abbé Stiltz, aumônier des Sœurs aveugles de Saint-Paul.

On y remarque une suite de longs extraits de M. Maurice de Sizeranne sur *la psychologie de l'aveugle*.

On ne peut pas d'ailleurs reprocher à la revue portugaise de négliger le côté technique de l'enseignement ; elle donne des explications pratiques sur le cubarithme, et sur la méthode Braille—préférée à tout autre.

Notre attention a été tout particulièrement attirée par M. Branco Rodrigues sur un établissement que le Portugal possède depuis plus de trente ans (la fondation est de 1863), à Castello de Vide. Nous sommes véritablement émus en voyant ce concours de bonnes volontés et de généreux sacrifices qui s'est rencontré à l'origine et qui contribue encore au développement de cette belle institution.

M. Branco Rodrigues nous apprend comment une riche et noble famille, dont plusieurs membres étaient presque aveugles, pensa à ceux qui étaient affligés de la même infirmité ; elle établit pour eux un superbe asile dans un ancien couvent de Franciscains, avec cette condition (qui n'est pas pour nous déplaire) que tout serait, autant que possible, conservé et respecté. Les aveugles pouvaient prier dans l'ancienne église des religieux, se promener dans les vastes jardins qui s'étendent au pied d'une haute colline. Là, sous une direction commune, dans des corps de logis séparés et assez vastes pour contenir le double des pensionnaires actuels, sont recueillis à la fois des enfants et des aveugles adultes des deux sexes. Des photographures nous représentent les pensionnaires, dans ces lieux qui paraissent agréables, avec l'expression d'une douce résignation répandue sur toutes les figures. Le journal nous dit que l'établissement en reçoit toujours autant que les ressources le permettent.

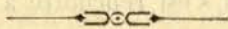
A la fin de 1895, M. Branco Rodrigues fut invité par l'administration, sa visite ne fut point stérile : on créa des ateliers pour apprendre un métier manuel aux jeunes aveugles ; un membre du conseil fit, séance tenante, les premières avances ; l'œuvre naissante reçut le nom même de celui à qui en revenait la première idée—*Officinas Branco Rodrigues*. Le rédacteur du *Jornal dos Cegos* abandonnait pour la construction et le développement des ateliers tout le produit des abonnements.

Ces ateliers confectionnent particulièrement des paniers qui sont expédiés dans la capitale où la *Librairie Catholique* veut bien en recevoir le dépôt ; elle sollicite aussi bravement les commandes. Car M. Branco Rodrigues, à l'exemple des sociétés puissamment organisées à Londres et de l'Association Valentin Haüy à Paris, veut établir comme un bureau de charité pour les aveugles. Le directeur même de la *Librairie Catholique* a déjà réuni, dit-il, plus de cinq cents adresses d'indigents.

Il n'y a pas, dans le royaume de Portugal, d'établissement national et officiel pour l'enseignement des aveugles. Le gouvernement, comme le dit avec raison M. Branco Rodrigues, ne ferait-il pas bien d'encourager ceux qu'a déjà fondés l'initiative privée et notamment celui de Castello de Vide ? ne devrait-on pas y multiplier les bourses ?

Nous ne voudrions pas trop élargir l'horizon à propos d'une question toute locale et qui échappe en partie à notre appréciation; nous émettrons modestement notre opinion personnelle. Puisque M. Branco Rodrigues nous fait un tableau séduisant de cet immense établissement de Castello de Vide, pourquoi ne pas l'accroître, l'aider à s'avancer dans la voie de tous les progrès modernes? Si nous admirons les grandes écoles nationales, nous savons apprécier aussi les autres établissements. Nous aimons la liberté, et nous croyons que le devoir comme l'intérêt de l'État est de soutenir les diverses institutions avec le concours des administrations provinciales et municipales. Nous demeurons persuadés que si d'une manière générale la liberté est nécessaire à l'enseignement, elle l'est surtout sur ce terrain spécial et mixte qui confine à la charité. C'est pourquoi nous louons M. Branco Rodrigues pour cet esprit aussi large que généreux qui inspire ses efforts et trace la route de son *Journal des Aveugles*.

(De la *Revue Valentin Haüy*, Paris.)



## AOS ASSIGNANTES DO JORNAL DOS CEGOS

Pede-se encarecidamente a todos os assignantes que ainda não satisfizeram a importancia da sua assignatura, que começou em novembro de 1897 e termina em outubro de 1898, o especial favor de remetterem a quantia de 500 réis, em estampilhas ou cédulas, em carta registada ao rev.

**Padre Severino Diniz Porto**

**CASTELLO DE VIDE.**

Ao mesmo rev. sacerdote, professor regente do asylo, pôde ser enviado qualquer donativo com que os bemfeitores das OFFICINAS DOS CEGOS queiram beneficiar esta instituição.